

Other universities

From the Selected Works of Paulo Ferreira da Cunha

October 17, 2012

O Cidadão e o Estadista

Paulo Ferreira da Cunha, *Universidade do Porto*



Available at: <https://works.bepress.com/pfc/168/>

O CIDADÃO E O ESTADISTA

1. Recordemos Platão: o preço da passividade do cidadão é, pelo menos, a possibilidade de ser governado por maus governantes. É que se trata afinal de um contrato, um pacto tácito: se o cidadão não se dá ao incômodo de votar, de discutir, de se informar, de lutar pelo que acha correto (ou pelos seus interesses) então, em consequência, quem tem o poder perde (ou não estabelece realmente) a vinculação com ele, e faz o que lhe parecer bem (ou o que seja do seu interesse). Primeira conclusão: quem nunca se “meteu em política” perde alguma legitimidade para reclamar. Os políticos são pessoas como nós, e se queremos que façam bem, devemos ajudá-los, obrigando a que a política siga o bom rumo que desejamos, obviamente pela nossa ação política. Não há outro meio.

Importa, portanto, antes de tudo o mais, desmistificar a tese da radical diferença ontológica entre, de um lado, os “puros” e “bons” populares, meros sujeitos passivos e sofredores por causa dos políticos, os “maus”. Toda a gente pode (e deve) ser político, a seu modo. E, em geral, os políticos que numa democracia mandam são eleitos. Portanto: 1) não tivessem votado neles. 2) Se se enganaram, podem deixar de votar como fizeram. 3) Podem fazer partidos novos. E votar neles. E mais que tudo: dirigi-los.

A verdade é que muitos são omissos: 1) Nunca participaram em nada de político, nem sequer nas reuniões do condomínio, nem nas reuniões de pais... 2) Não votam, ou se votam fazem-no rotineiramente. 3) Não pertencem a partidos, ou se pertencem, baixam a cabeça aos poderes instalados, nada fazendo para os renovar.

2. A situação atual global obrigaria a um repensar profundíssimo das formas de ação política e dos projetos de governação.

Registam-se já, por exemplo, manifestações de apreço à Polícia (beijos, abraços, flores...), mas não chega. É um pacifismo e uma nota de humanidade provocativa que se regista. Mas as próprias manifestações são clássicas ainda. Só a imaginação terá o poder que vier. Há anos que Slavoj Žižek bem observou que pode haver uma recuperação pelos poderes de toda a contestação, e tudo fica na mesma.

3. Fala-se muito em crise, naturalmente em mudanças políticas, e até em regeneração dos partidos. Cremos que esta é fundamental. Ou tal ocorre, ou virá, mais dia menos dia, após esta ou aquela convulsão, a ditadura e o partido único, sob qualquer bandeira, normalmente populista. Muitos estão já a atizar o lume antipartidário e antidemocrático, como ocorreu noutros tempos.

Importa pois pensar quais as qualidades de um bom político, candidato a bom Estadista, para que consigamos finalmente encontrar um escol democrático que, repartido por vários partidos, salve o pluralismo e a democracia, já ameaçados pelo legítimo descontentamento, aproveitado pelos antidemocratas à primeira esquina do nosso descuido.

Todos estaremos de acordo que deve o político ser **honesto**, honestíssimo, incorruptível, tendo em si impregnada a chamada ética republicana. Contudo, a partir daqui muitos param, como se isso bastasse. Não basta.

Confundem-se a política, frequentemente, apenas com opinião. É evidente que a opinião deve ser livre, libérrima. Porém, além de haver um fascínio de alguns pelo especialista, pelo tecnocrata (que frequentemente poderá ser medíocre, ou monomaniaco e sem cultura, ou pura fraude mediaticamente construída), esquece-se que os bons políticos têm mais qualidades essenciais, e nenhuma pode faltar.

Políticos **devem ter ideais**, uma ideologia. Ideologia não é coisa má, é o que faz o político ser mais que um escravo-dono do poder, além de se revelar um antídoto contra o oportunismo. Ideologia depende da opinião: de ideologias discute-se como de gostos. Mas, qualquer que seja a sua ideologia, o Estadista tem de ser ainda:

a) **Culto**. Sem cultura nunca se entenderão as pessoas e as transformações multidimensionais do Mundo. O maior especialista, se não for culto, nunca conseguirá contextualizar o seu saber microscópico, e, assim, ele de pouco servirá.

b) **Inteligente**. Pode-se aparentar cultura (na versão erudita) mas não se ser muito inteligente. É preciso, para se ser um bom Estadista, muita inteligência, e de vários tipos. Digamos, resumidamente: inteligência organizacional, que entende como os grupos funcionam; inteligência emocional, que é sensível ao coração das pessoas; inteligência espacial, que compreende as coisas, as distâncias, as localizações; inteligência abstrata, que pensa em coisas formais e depuradas que só existem na cabeça, mas que são importantíssimas; e só depois vem a inteligência lógica e numérica, que é a que normalmente se confunde hoje com inteligência “tout court”.

c) **Maduro e Experiente.** Honesto, com ideais, culto e inteligente - só esse pode ser um bom estadista. Porém, acrescenta-se que precisa de maturidade, e de alguma experiência profissional, porque se nunca fez nada na vida real, não saberá o que custa trabalhar... Nem será assim sensível às coisas práticas nem aos problemas concretos das Pessoas.

Na verdade, o modelo do bom Estadista é também o modelo do bom Cidadão.

Paulo Ferreira da Cunha

lusofilias@gmail.com